

COISAS
DA

VIDA + GUIA DE SEXTA

PUBLICIDADE
GRANDE POTENCIAL DOS CONSUMIDORES E
EXIGÊNCIA DE ESTILISTAS FAZ COM QUE MERCADO
AUMENTE A PROCURA POR MODELOS NEGROS
PÁGINA 3Juliana Cézar Nunes
Da equipe do Correio

Símbolo máximo da moderna arquitetura mundial, Brasília desperta o interesse permanente de pesquisadores das mais diversas áreas. Em busca de olhares diferentes sobre a capital, eles já trouxeram à tona a saga dos candangos, a originalidade das construções, a beleza do céu, a coragem de quem criou e executou a cidade. No ano passado, Juscelino Kubitschek e Lucio Costa estiveram no foco das homenagens. Centenários, os dois — juntamente com Oscar Niemeyer, criador da maior parte dos prédios — fazem parte da etapa mais importante de elaboração e construção da cidade.

Personalidades de áreas diferentes — política e arquitetura —, eles se transformaram em símbolo da nova empreitada nacional. Mas a proximidade entre quem governa e quem projeta espaços não termina por aí. Antes e depois da obra ficar pronta, as duas áreas estão em relação contínua. Uma influência de mão dupla que fica bem evidente no livro lançado esta semana pela editora da Universidade de Brasília (UnB), de autoria do arquiteto e professor Frederico de Holanda.

Em *O Espaço de Exceção*, o pesquisador da UnB revela uma outra faceta da capital: suas semelhanças com sociedades antigas, riscadas do mapa há mais de mil anos, onde poder e povo eram separados pelo planejamento e divisão do espaço, materializado como forma de conhecimento na arquitetura. Entre as sociedades analisadas está a pré-colombiana Teotihuacán. Cidade-símbolo do povo asteca, ela foi construída no século 2 antes de Cristo, nos arredores da atual capital mexicana, em uma área de 20 km². Ficou famosa pelas ruínas de pirâmides onde deuses e seres humanos se encontraram.

Segundo Holanda, as ruas de Teotihuacán eram tão largas que foi preciso desviar o curso de um rio para manter o paralelismo urbanístico. Mas as semelhanças com a capital brasileira não páram por aí. Os centros de prática política e religiosa astecas também eram afastados das outras regiões da cidade pelo espaço. Nada de muros ou grades. Prédios isolados, construídos em um terreno mais elevado são outra característica comum dessas cidades, onde a classe dominante realizava seus rituais e cerimônias políticas, com grandes espaços abertos.

Holanda chama locais assim de espaços de exceção. Segundo ele, ao longo da história, muitas sociedades produziram as suas. Geralmente, elas tinham em comum um contexto social de divisão de classes forte. A construção das capitais seria apenas uma materialização desse contexto, que no caso de Brasília surgiu sob o pretexto de aumentar a interiorização do país e tirar a capital do Rio de Janeiro, cidade onde os centros de poder se misturavam com centros comerciais e residenciais.

Declaradamente influenciado pelas cidades francesas e norte-americanas, Lucio Costa escreveu em suas publicações e projetos sobre Brasília parte dos princípios que o nortearam para a construção da capital. Entre eles a de que o centro administrativo do país precisa de um local neutro e com dimensões em escala monumental. Um ambiente propício para um país que num futuro breve alcançaria o desenvolvimento, com a maior parte da população pertencendo à classe média.

"É um projeto belíssimo, mas que gerou um afastamento enorme por parte da sociedade. Como não faz parte do cotidiano da maior parte das pessoas, passa a não gerar o sentimento de que é possível participar do que acontece ali", acredita Holanda. "Por



VISTA AÉREA DE BRASÍLIA E, ABAIXO, DA PRÉ-COLOMBIANA TEOTIHUACÁN: RUAS LARGAS, PRÉDIOS ISOLADOS, AFASTAMENTO DE OUTRAS REGIÕES SÃO CARACTERÍSTICAS COMUNS ÀS DUAS CIDADES

LIVRO RECÉM-LANÇADO PELA EDITORA DA UNB COMPARA A CAPITAL BRASILEIRA COM SOCIEDADES DESTRUÍDAS
HÁ ATÉ MIL ANOS. O AUTOR, FREDERICO DE HOLANDA, PROPÕE UMA REFLEXÃO SOBRE O ISOLAMENTO DO PODERBRASÍLIA
DE VÁRIOS SÉCULOS

causa das ruas largas, só é convidativo em momentos de grandes comemoração ou protestos."

CONTROVÉRSIAS

Pouco arquitetos já tiveram contato com a obra recém-lançada pelo professor da UnB. Mas alguns deles vêem com reserva a crítica ao conceito de espaço de exceção aplicado a Brasília. Entre eles o arquiteto Sérgio Parada, que desde 1978 mora e trabalha na cidade. Como cidadão e profissional da área, ele se diz completamente íntimo da Esplanada. "Concordo que seja esse um espaço com forte valor simbólico, porém nunca desagregador. Ele sintetiza a hierarquia dos poderes da nação no sentido burocrático e não dos homens poderosos", opina Parada.

O geógrafo Aldo Paviani, um dos pesquisadores da UnB mais especializados no urbanismo da capital, lembra que a utilização do que Holanda chama de espaços de exceção depende muito da dinâmica social. Nos momentos em que é motivada, a sociedade se volta para a Esplanada. "Mas no dia-a-dia, é um espaço de administração, setorizada assim como toda a cidade, o que afasta muito as pessoas", observa Paviani. "E o pior de tudo é que a sociedade aceita essa segregação, que se aplica a outros setores da cidade, e não faz nada para modificar a desigualdade social crescente

na capital."

Longe do mundo dos arquitetos e pesquisadores, a empregada doméstica Sandra Sueli Souza da Silva, 31 anos, também desenvolveu alguns conceitos sobre a capital. Nascida em Irecê, na Bahia, ela casou aos 17 anos e veio morar em Brasília com o marido. Estão por aqui há 14 anos, entre Taguatinga e Luziânia. Mas só esta semana, a convite do *Correio*, Sandra conheceu os pontos "turísticos" da Esplanada.

A baiana nunca havia colocado os pés por aquelas bandas onde se respira política, da qual ela só participa obrigada em época de eleição. Uma vez, de ônibus, passou pelo Palácio do Planalto, mas não soube definir o que era aquela rampa com dois soldados na frente. "Sempre achei tudo aquilo muito sem graça", admite Sandra.

O Congresso só passou a existir no dia em que as duas bacias apareceram na televisão e ela se interessou em saber o que significavam. Mesmo depois do passeio pelo centro do poder, elas continuaram meio sem graça aos olhos de Sandra. Religiosa, ela se encantou mesmo pela Catedral. Foi só depois de entrar no lindo templo que bateu o arrependimento: "Deveria ter ido lá antes."

SERVIÇO:

Espaço de Exceção, de Frederico de Holanda. Editora Universidade de Brasília. Páginas: 466; preço: R\$ 49

SAIBA MAIS

Confira algumas das características citadas pelo autor para cada civilização que, segundo ele, guardam semelhanças com a sociedade que originou a capital do Brasil:

■ PRÉ-COLOMBIANA

Entre as civilizações pré-colombianas estudadas por Holanda estão os maias e os astecas — ambas dizimadas pelos espanhóis. Situados no que hoje é o sudeste mexicano, a Guatemala, Belize e oeste de Honduras — cerca de 250 mil km² — os maias desenvolveram sua civilização entre o terceiro e nono século da nossa era. Um bom exemplo desse tipo de divisão maia são as ruínas da cidade de Tikal. Lá, os governantes faziam questão de separar os trabalhadores do campo da elite política e religiosa, que ocupavam edifícios sofisticados, separados por enormes distâncias das regiões residenciais, comerciais e rurais. Nos centros cerimoniais, astrônomos, matemáticos, sacerdotes, artistas e escribas dedicavam-se exclusivamente às suas tarefas. Os trabalhadores do campo se esforçavam para produzir o máximo de alimento possível. Já nos centros, quem estava próximo do status, conhecimento e divindades produziam valores simbólicos para a sociedade. A entrada dos trabalhadores nesses centros era extremamente controlada.

■ ESTADOS PRIMITIVOS AFRICANOS

Antes que as metrópoles européias nascessem na África, existiram estados extremamente modernos naquele continente. Entre eles os zulus, que viviam numa área de 192 mil km², onde é hoje a África do Sul. O trabalho era desenvolvido em cooperativas de pequenos grupos, onde homens, mulheres e pessoas com idades diferentes eram separadas. Os homens eram responsáveis pela parte militar e política. Na juventude, passavam vários anos longe de casa em treinamento. O Estado era dividido em unidades chamadas kraals — familiares separadas das políticas —, bem isoladas no espaço.

■ CIDADE FEUDAIS FRANCESAS

Entre os séculos XII e XIII, as cidades feudais possuíam dois modelos distintos de relação entre arquitetura e sociedade. O que mais se assemelha à Brasília de hoje está no norte da França. A estrutura sócioespacial das cidades dessa região costumava ser dividida em três, nobres em castelos, camponeses em vilas e burgueses em cidades. Diferente dos camponeses, os nobres viviam em áreas amplas, separada por longas distâncias dos outros pontos do feudo. A mudança de classe social era praticamente impossível.

Divulgação

